

VIDA E FATOS PASSADOS A LIMPO

Maria de Lourdes Patrini

Estudar conceitos do gênero biográfico, sob um ponto de vista teórico, científico e de pesquisa empírica centrada em estudos desenvolvidos por pesquisadores, enquanto método de análise e interpretação de agentes sociais, exige uma reflexão comprometida não só com o esclarecimento no que se refere aos conceitos adotados, mas também com a busca de uma distinção clara no seu uso e em suas características.

Os gêneros biográficos oferecem a interpretação do testemunho que pode ser fundamentada de uma parte sobre a análise do texto – conteúdo, estilo, análise discursiva, etc., sobre a situação de interlocução e, enfim, sobre o estudo sócio-histórico do grupo a que pertence o narrador no momento da produção da narrativa, pois nos gêneros biográficos duas correntes históricas estão presentes, mais ou menos imbricadas uma na outra: o tempo dos fatos evocados e aquele da narração. Para o narrador que evoca o passado, compreender os fatos antigos é uma maneira de os reviver, e, sem estar consciente, tende a contá-los na perspectiva do presente. Sua narração compreende sempre a uma “interpretação” do mundo e dos homens. Contar sua história é se engajar em uma forma global e totalizante, mesmo se não contamos toda a nossa história, pois segundo Philippe Lejeune, “raconter toute sa vie est impossible” (P. Lejeune, p.15). Contar sua história supõe-se o acesso a uma postura de individuação – cujos acontecimentos são solidários ao grande movimento sócio-histórico.

A autobiografia se desenvolve, na época moderna, através de um novo gênero literário. Se no século XVIII, *Confissões*, de Jean-Jacques Rousseau, vai marcar o surgimento da autobiografia escrita, o século XX assistirá ao nascimento de práticas construídas e estruturadas de uma forma, onde estarão em relação narradores e narratários que irão estimular a produção das narrativas.

Há alguns anos, realizei uma pesquisa sobre a obra de Rubem Braga. Atualmente, retomei este estudo e empreendi uma nova leitura de suas crônicas. Juntamente com esta leitura um novo caminho de pesquisa se abriu: o interesse pela presença de um ‘eu’ na narrativa do cronista que a tudo quer testemunhar e interrogar e, ao mesmo tempo, ser também objeto de interrogação e testemunho de uma trajetória individual.

Sob este prisma, as histórias de Rubem Braga se espalham pelo mundo, elas partem através da página do jornal em busca da troca de experiências, elas falam de sua velha casa, estando o cronista em permanentes viagens. Ele sabe como ninguém contar ‘os casos’ de terras distantes, estando em Cachoeiro. Colhe o que narra na própria experiência, na experiência contada, ouvida e ou na observada, transformando isto em experiência dos que ouvem / lêem suas histórias. Tal repertório e procedimento fazem da sua obra uma matéria intrigante. Trata-se de uma narrativa que permanece no âmbito do discurso vivo e como ele mesmo diz, de « um viver em voz alta ».

O narrador que conta fatos de sua vida - sem que falemos de um pacto biográfico propriamente dito no sentido que dá a este termo Philippe Lejeune - supõe e faz supor o seu discurso como sendo verídico, devendo, no entanto, este discurso, ser sempre entendido como uma verdade subjetiva.

As histórias e as memórias de Rubem Braga encontram-se, conforme as palavras do cronista, espalhadas por sua obra de cronista (*O Estado de S.Paulo*, 21/12/90). Em *Crônicas do Espírito Santo*, no texto de abertura do livro, o escritor fala da natureza de seus escritos dizendo que durante muito tempo, escrevendo em jornais e revistas, tratou dos assuntos capixabas, muitos deles foram artigos polêmicos, mas que ele não renega esses escritos; pelo contrário, diz o cronista, “me orgulho deles. Mas a verdade é que não são bem crônicas; são, mais propriamente artigos – matéria que envelheceu rapidamente e hoje seria enfadonho reler. Conforta-me pensar que sempre fui movido pela intenção de defender o homem do povo de minha terra (...) muitas

crônicas falam de um Espírito Santo que já não existe (...) Também falo de mim – o que é inevitavelmente monótono. Viver é muito repetitivo. Mas , enfim.”(C.E.S., p.9-10)

Esta reflexão sobre a natureza de sua obra e sobre as abordagens nela privilegiadas, é revivida pelo cronista todas as vezes em que um livro de crônicas era publicado. Como ele próprio dizia, a passagem do jornal para o livro era como se “a vida fosse passada a limpo”.

Editores, jornalistas e repórteres entrevistadores, de uma forma ou de outra, tentaram dar destaque a esta face ‘autobiográfica’ do autor, presença esta confirmada pelo próprio cronista. Entretanto, estas tentativas não foram além daquelas previstas pelo sensacionalismo dos periódicos, pelo mercado editorial ou ainda pelas propostas didáticas. *Crônicas do Espírito Santo* e *A casa dos Braga – memória de infância*, publicados o primeiro em 1984, ainda quando o escritor estava vivo e o segundo em 1997, podem ser exemplos do que foi dito acima. *Crônicas do Espírito Santo* é de uma publicação com objetivos mais ou menos didáticos, pois dos cinco mil exemplares produzidos na 1ª edição, três mil foram distribuídos gratuitamente às escolas da rede oficial do estado do Espírito Santo. O outro livro citado, publicado após a morte do escritor, faz apelo ao leitor com uma produção literária voltada para o privado: as palavras ‘casa’ e ‘memória’ no título da obra, e ainda as ilustrações, fotos e mesmo os dois textos escritos por pessoas da família são provas dessa intenção. No entanto, nenhum dos textos do livro abordam questões relativas aos gêneros autobiográficos. Eles se detêm apenas aos dados. É importante ressaltar que, das 19 crônicas publicadas nesse livro, doze delas já tinham sido publicadas em *Crônicas do Espírito Santo*, o que revela uma certa insistência por parte dos editores em explorar esta face do autor que se expõe em suas crônicas, esta identidade que se anuncia dentro de uma realidade com sabor de ficção. Este elemento biográfico, no qual o homem se reafirma, parece ser um ‘achado’ na obra de Rubem Braga, mas isto requer um estudo aprofundado que exija mobilização de conceitos, referentes teóricos e rigor na interpretação.

Quem conhece a obra do cronista sabe que em nenhum momento podemos dizer que há, por parte do escritor/jornalista, a intenção ou o projeto de escrever sua vida; não se tem conhecimento que um pacto autobiográfico, conforme a concepção de Philippe Lejeune, tenha existido. Ao contrário, ele diz em depoimento que sua vida “foi sempre de jornalista (...) a literatura que faz em jornal é crônica, não é? (...) Eu nunca tive idéia de fazer romance ou uma coisa assim.”(*Encontro Marcado*, USP. 1985). “Até hoje só escrevi para a imprensa.” (*Crônica*, Ática. 1981). Este parecia ser o seu compromisso, o seu pacto, isto é o de ser jornalista/cronista – um pacto com a imprensa, um pacto com o efêmero e transitório e, assim, preservar a intenção consciente de falar de si mesmo.

Neste sentido, é que permanece na obra, entremeado à narrativa que faz jus a este pacto, a presença de um ‘eu’ que muda de inspiração: dos fatos extraídos da rotina dos homens, da turbulência das cidades, de uma alucinante viagem rumo à guerra, para as histórias, memórias, lembranças dos amores achados e perdidos, dos ‘casos’; personagens da infância e da adolescência, que, mesmo sem querer, consegue transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, como tão bem disse Antonio Candido ao se referir sobre a obra de Rubem Braga.

Em suas crônicas identificamos o traçado do tempo e marcações em espaços definidos em torno da vida do homem Rubem Braga “como filho dos Braga de Cachoeiro de Itapemirim, mas que sabia, no entanto, ser sobrinho de Quinca Cigano, nascido na lavoura mas vivido pelos caminhos, e que vivia a barganhar.” Os fatos e as lembranças se encaixam e se articulam na crônica, nas crônicas. O leitor logo se dá conta que o esboço de um perfil se impõe. Os dados que o compõem se acumulam nas crônicas, realizando quem sabe o desejo do autor de construir um auto-retrato que por sua vez testemunha e traça os contornos de seu tempo. Ou será que fica apenas a vontade despreocupada de continuar a falar de si?

Como classificar esta reapropriação que o autor faz de si através de suas lembranças? Elas estão nas crônicas. Não se trata de um diário, escritura íntima, privada, que raramente é construída prevendo a publicação; nem de uma autobiografia que prevê a história de uma vida individual, história de uma personalidade, perspectiva retrospectiva da narrativa.

Há sem dúvida em sua obra, uma composição voluntariamente solta e em parcelas que parece combinar a técnica do auto retrato e da crônica. O auto-retrato como o ensaio, diz P.Lejeune, são, antes de tudo, tentativas de síntese, nas quais o texto se ordena logicamente, segundo uma série de pontos de vista, ou segundo as etapas de uma análise, e não cronologicamente. Isto pode acontecer, mas nas crônicas de Rubem Braga, a narrativa sempre se sobrepõe.

A crônica é matéria que se alimenta do instante, do momento vivido, enquanto a autobiografia e as memórias supõem uma narrativa retrospectiva, baseada, em certa medida, sobre um plano de conjunto panorâmico. Uma autobiografia é um livro fechado, enquanto a crônica, como o diário íntimo, é um livro aberto.

A crônica tantas vezes sentida como um gênero menor, como um importuno na literatura, subvertendo a toda classificação, desafia e resiste às definições; gênero de fronteira entre literariedade e infraliterário, diferentemente dos diários, a crônica não é datada, ela faz parte do corpo do jornal. Embora as crônicas de Rubem Braga publicadas em livro tragam sempre no final do texto o lugar, a data onde foi escrita. O diário, manuscrito ou não, é um exemplar único, cuja reprodução trai o estatuto original. A crônica, como diz Eça de Queiroz, “(...) tem uma doidice jovial, um estouvamento delicioso...tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos amigos o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando.”(1867, Lisboa, p.187). Está todos os dias nas páginas dos jornais, possui o segredo de interessar o público, sem pensar no amanhã.

Como resolver esta questão da presença do público e do privado na obra de Rubem Braga ? Da mesma forma que nos diários pessoais, a dimensão íntima pode ser passageiramente ocultada

pela invasão do que vem de fora, nas crônicas, o aspecto pessoal se disfarça em meio ao coletivo, ao público. O leitor reencontra o prazer da leitura e aprende a ler na história inventada a sua própria história. O cronista se faz porta-voz do leitor. Para este ele é um escritor de carne e osso, nunca personagem ficcional, pois representa um ser coletivo com quem os leitores se identificam.

O ritmo da escritura é regular, se considerarmos o compromisso do cronista com o periódico, mas não é regular do ponto de vista do narrado, pois a cada dia uma nova crônica deverá ser produzida. A crônica não estabelece cadeia no tempo, talvez por isto só se conhecendo toda a obra do autor é que a identificação deste 'eu' tão presente pode se efetivar para o leitor. A crônica não é uma escritura cumulativa, ao contrário, ela fala de hoje; amanhã o assunto será outro.

Escrever crônicas é estar permanentemente ao lado da exigência, da urgência e da sobrevivência, o que não acontece com as outras escrituras do gênero autobiográfico. Diante desta realidade o cronista muitas vezes parece improvisar, confirmando que a crônica nasce do circunstancial. Neste sentido, fica a crônica entendida mais como uma escritura em preparação, um rascunho mental quando muito, uma narração simultânea do discurso e da ação, apesar dos traços da memória sempre presentes. Este aspecto a aproxima do diário pessoal, em certa medida, mas a diferencia das memórias e da autobiografia.

O diário se distingue da autobiografia e das memórias, que supõem uma narrativa baseada sobre um plano panorâmico. A perspectiva retrospectiva e reconstrutiva da autobiografia contrasta com a escritura repetitiva, tateante e freqüentemente estendida em direção ao futuro - particularmente nos diários da juventude - do diarista.

Uma autobiografia tem controle do destino, o que faz com que numerosos autobiógrafos dêem em espetáculo aos leitores. A escritura momentânea do diário traz, como a crônica, um eu em migalhas carregado mais de questões que de respostas.

A crônica, se quisermos falar um pouco da sua história, faz parte dos textos onde se dá uma comum atenção ao cotidiano e a conservação minuciosa de uma memória, onde se misturam o essencial e o insignificante, escritura sem interioridade tecida sobre o cotidiano particular, testemunha da vida coletiva registra a memória de sua época. Elas se multiplicam na França no século XV. A mais conhecida entre elas, paradoxalmente anônima, é « Journal d'un bourgeois de Paris » (1405-1449), testemunho redigido durante a guerra de Cem Anos, onde estão expostas as condições difíceis da vida do povo da capital. A escolha do termo 'journal', que em francês significa também 'diário', resultou, segundo informações de estudiosos, da escolha dos editores e não da vontade do escritor. Não há certeza de que as anotações registrando os fatos em sucessão cronológica tenham sido tomadas sobre o vivo dos acontecimentos e colocadas em sequência.

A crônica moderna, diferentemente da autobiografia, dos diários, carnês, agenda e cadernos de anotações, álbuns etc., tem como veículo o jornal. Por isto fizeram uma literatura ligada à transitoriedade, que nasce do circunstancial.

Como bem já disseram alguns estudiosos, a crônica está próxima da conversa, dos casos. Nela a língua oral e a língua escrita estão em estreita convivência. O dialogismo equilibra o coloquial e o literário. No entanto, a crônica não perde de vista o fato de que o real não é meramente copiado, mas é recriado e ela ainda se faz única ligada às circunstâncias, à observação direta. Os fatos efêmeros são pequenos elementos que se tornam decisivos na narrativa. Se ela opta sempre pela pluralidade dos retalhos, faz também apelo a uma unidade significativa, à concretude, à simplicidade.

Em suas crônicas, Rubem Braga costumava dizer que suas histórias eram sempre baseadas nas coisas que aconteciam com ele e em volta dele...“no que sai no jornal, ou se diz no rádio e na tevê. No sonho, na lembrança, em nada...”(*Crônicas*, Ática, 1984. p.5)

Às vezes ficamos tentados em chamar de ‘memórias’ as histórias tão bem lembradas do cronista. Quando fala da sua vida de menino do interior e de personagens deste mundo mágico, vemos o autor como testemunha, com ponto de vista individual, mas este traço pessoal acaba não se expandindo na narrativa em direção ao ‘outro’.

Sua vida em Cachoeiro, vida de menino do mato que já bem cedo soube relatar os fatos da infância nos escritos escolares, será preenchida pelas travessuras, pescarias e banhos de rio e enfeitada pelas mangueiras de quintais encantados, conforme lemos “(...) e fui o primeiro dos irmãos a nascer na cidade. Quando eu soube disso tive um orgulho pueril – era da cidade, era bem de Cachoeiro. (H.R. p.26) ou então: “ Eu era um rapazinho feio e tímido, que lia Bilac e começava a ler Manuel Bandeira.”(B.C.V. p.84). Como estes exemplos temos outros tantos espalhados pelas crônicas. Em “Um rapaz de Niterói” (B.C.V. p.82) a narrativa tem uma perspectiva retrospectiva, reconhece-se a identidade do autor, do narrador e do personagem, mas trata-se apenas de um momento específico da adolescência, de um escrito autobiográfico, mas não chega mesmo a configurar uma autobiografia ou um volume de memórias.

No caso da escritura de Rubem Braga, não se trata somente de uma questão de proporção entre as matérias privadas e as matérias públicas. Sabemos que muito das obras podem conter memórias e uma parte de autobiografia, mas a importância recai sobre o projeto fundamental do autor, em que os fatos relativos aos homens e ao mundo sempre estarão sobrepostos às experiências que podem compor a sua história. Em sua obra há a marca do pessoal, mas que cede o lugar mais importante ao coletivo.

Das crônicas de Rubem Braga, podemos extrair trechos em que o autor conta sua infância de maneira que o leitor possa conhecer o percurso do menino a quem, muito cedo, a imprensa seduziu, entrando em sua vida como um signo forte, sem jamais o abandonar. Seria isto uma autobiografia, memórias? Só em aparência nos explica Philippe Lejeune. Ainda mais no caso de

Rubem Braga que se trata de um contar espalhado. A narrativa de vocação (“*récit de vocation*”) como é nomeada pelo especialista francês, é “em geral convencional, muito breve, e constitui um tipo de “*hors d’oeuvre rituel*”, subordinada ao projeto principal, que, no caso de Rubem Braga, é a crônica jornalística. Conforme nos informa ainda o pesquisador, desde o final do século XVIII, a narrativa de infância aparece, freqüentemente e muito desenvolvida, nas memórias aristocráticas e nas narrativas de artistas, de homens de ação. Esta narrativa de infância, embora tenha um certo tom autobiográfico, é principalmente da ordem das memórias ou da crônica. Seria este o caso de Rubem Braga?

Sabemos que independentemente das resenhas e catálogos produzidos por Rubem Braga, a sua obra de cronista traz com uma certa freqüência considerações sobre o jornalismo, a literatura e as artes. São narrativas que falam sobre a vida literária de sua época e sobre a gênese e as circunstâncias de sua obra. Neste caso, os especialistas alertam os pesquisadores dizendo que não devemos confundir com uma autobiografia os escritos nos quais se encontram informações úteis à história literária. Estes escritores se comportam como “puro cronistas”, afirma P.Lejeune . Para o crítico, a maioria dos livros deste gênero, sejam eles obras curtas ou mais desenvolvidas, “não trazem nada de interior, de pessoal na perspectiva teórica por ele adotada, eles oferecem simplesmente material para os futuros biógrafos.”(P.Lejeune, 1998. p.12-13). Existem outros escritos (livros de lembranças) que fazem parte do que podemos chamar de vizinhos da autobiografia, mas que não são verdadeiramente autobiografias. Assim, considerando-se critérios que implicam em uma estética da autobiografia, fica claro que tal forma não é simplesmente uma narrativa na qual predominam as lembranças íntimas: “ela implica um esforço para ordenar estas lembranças e em fazer uma história da personalidade do autor. Seu desenvolvimento se deu no século XVIII, ele corresponde à descoberta do valor da pessoa, mas também a uma certa

concepção da pessoa: “c’est essayer de saisir sa personne dans la totalité, dans un mouvement récapitulatif du synthèse du moi.” (P.Lejeune, p.13)

As narrativas onde o mundo da infância aparece estão centradas sobre a experiência íntima, mas sem contudo estabelecer elos entre esta infância e a vida que ele seguiu. Ao contrário elas estão aos pedaços, um eu em migalhas que como a crônica pode nascer, morrer e renascer todos os dias. Entretanto, estas narrativas de lembranças contadas com talento se não chegam a dar sentido a uma vida, dá sentido e unidade à variedade das experiências de vida, variedade esta que é a fonte de criação do escritor.

Gostaria de deixar claro que este trabalho está bem longe de um estudo conclusivo, ao contrário, ele apenas está começando, a problemática está apenas se constituindo, e as hipóteses ainda vão sofrer muitos ajustes, mesmo porque o campo teórico está começando a ser desvendado.

Bibliografia

LEJEUNE P., *Le pacte autobiographique*, Paris: Seuil, 1975.

_____, *Pour l’autobiographie*, Paris: Seuil, 1998.

_____, *L’autobiographie en France*, 2ª ed., Paris, Armand Colin, 1998.- 192p.

_____, *Bibliographie – des études en langues française sur la littérature personnelle & les récits de vie*, Paris, Université Paris X, ritm22, 2000.-113p.